



# O LIVRO DOS ESPÍRITOS: NO CAMPO DA TRANSIÇÃO DA HETERONOMIA PARA A AUTONOMIA DO SER HUMANO

*The Spirits Book: in the field of transition from heteronomy to human autonomy*

Antônio Carlos Coelho\*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)

DOI: 10.29327/256659.16.1-9

## RESUMO:

Este trabalho resulta de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar a percepção da religiosidade espírita utilizando o *Livro dos Espíritos*, sistematizado por Allan Kardec, como eixo central do debate. A pesquisa, que segue uma metodologia bibliográfica, coleta e análise de materiais já publicados sobre o tema em questão. A partir dessas publicações foi possível verificar uma linha de pensamento de que esse compêndio, traz uma identidade mediadora e formadora na autonomia do ser humano, através do conhecimento espiritual e da prática moral. Os resultados da análise mostraram que o *Livro dos Espíritos* tem um potencial instrutivo para atuar como ferramenta na busca por soluções e o desenvolvimento de habilidades que tornem os indivíduos mais autossuficientes.

**Palavras-Chave:** Representação; Mediação; Autonomia; Desafios.

---

\*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). E-mail: [coelhofil@hotmail.com](mailto:coelhofil@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O *Livro dos Espíritos*, sistematizado por Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869), sob o pseudônimo de Allan Kardec, chegou ainda no Império do Brasil, adquirindo características peculiares, especialmente se comparado com a sua matriz francesa, originando um espiritismo à brasileira (Stoll, 2003), no qual predomina a dimensão religiosa de cunho assistencialista.

A religiosidade espírita, como expressão de fé e prática espiritual, se baseia em um ensinamento que integra elementos religiosos, filosóficos e científicos. Um de seus pilares é a crença na imortalidade da alma e na comunicação com os espíritos dos mortos. Do mesmo modo, oferece uma visão holística da existência, onde a vida material é apenas uma fase de um contínuo processo de evolução espiritual.

Allan Kardec (2013), como um observador dos fenômenos mediúnicos, organiza e sistematiza as respostas dos espíritos sobre diversas questões existenciais e morais, estabelece uma base discursiva que transcende o âmbito religioso, inserindo-se no campo das práticas sociais e culturais. Nesse sentido, o *Livro dos Espíritos* não apenas orienta a compreensão espiritual, mas também regula como os discursos sobre espiritualidade, ética, e moralidade são produzidos e propagados no contexto social.

Inicialmente, abordaremos a introdução da representação e simbolização do fenômeno religioso no ser humano como parte de um processo contínuo de interpretação. Esse processo influencia profundamente a relação entre crença, fé e os aspectos culturais que moldaram as sociedades ao longo do tempo. Essa relação dinâmica entre religião, cultura e sociedade revela como o fenômeno religioso é não apenas uma expressão de fé individual, mas também um fator fundamental na construção e manutenção das estruturas sociais e culturais.

No segundo tópico, exploraremos o papel do *Livro dos Espíritos* como um mediador, onde fé e razão não são vistas como mutuamente exclusivas, mas como aspectos complementares. Neste ponto, discutiremos como essa obra se insere no contexto cultural das práticas de religiosidade espírita, promovendo uma ética e espiritualidade que dialogam com a cultura.

Por fim, analisaremos o impacto cotidiano da religiosidade espírita. Neste tópico, exploraremos como a prática do espiritismo, fundamentada pelo *Livro dos Espíritos*, influencia e transforma a percepção e a vida diária dos indivíduos assistidos. A discussão conectará a

teoria à prática, evidenciando o impacto real que a religiosidade espírita exerce sobre a vida das pessoas, moldando suas atitudes, decisões, e interações diárias.

## **A ARTE DE INTERPRETAR E REPRESENTAR A REALIDADE**

O compartilhamento das experiências e conhecimentos individuais, sociais e culturais por meio de um interacionismo possibilita o surgimento de novas aptidões e ideias com eficiência significativa e duradoura. Além disso, demarca um ato ininterrupto de um sistema simbólico (Geertz, 2008) em que “o ser que sabe (*homo sapiens*), se socializa e constrói (*homo faber*), se comunica, cria sua representação e simboliza (*homo simbolicus*)” (Ferreira, 2015, p. 17), um processo contínuo de interpretação.

A realidade cotidiana é construída, portanto, por meio das ações e da conversação, que se interconectam para formar um sistema de códigos de significantes (palavras, gestos, símbolos) e significados (os conceitos e ideias que esses códigos representam). Assim sendo, o significado de uma ação ou de uma conversação não está apenas nos sinais em si, mas também em como esses sinais são usados e interpretados nas interações sociais.

De acordo com Peirce (2000), o signo não existe isoladamente, mas sim dentro de um sistema de relações em que o significado é constantemente moldado e remoldado por meio da interação entre o interpretante, o signo e o objeto. Assim, o interpretante é uma espécie de mediador que decifra o signo, conferindo-lhe sentido.

Precisamente, os signos desempenham um papel crucial na formação do pensamento humano, conforme assinala Santaella (2019). Ao serem produzidos e reinterpretados, esses signos formam a base do raciocínio humano, transformando-se em um fenômeno biológico como destacado por Bortolini e Yamamoto (2013). Esse processo de interpretação e reinterpretação dos signos permite a construção de modelos interpretativos e representativos da realidade que não se limitam apenas a uma visão realística, mas também incorporam elementos do estranho, do alegórico e do fantástico, conforme mencionado por Silva (2007).

Essa inteligência aberta segundo observado por Galeffi (2013), refere-se à capacidade humana de adaptação e inovação constantes, refletindo uma flexibilidade cognitiva e cultural que permite a exploração de novas possibilidades e a resposta a desafios inéditos. Ao se mover do natural para o cultural, a humanidade desenvolveu sistemas simbólicos complexos, incluindo linguagem, arte, ciência e tecnologia, que expandiram as fronteiras do conhecimento e da experiência humana.

A práxis cotidiana, moldada pela revolução cognitiva descrita por Harari (2018), resultou em uma profunda transformação nas esferas social e cultural. Esse processo de transformação exigiu a criação de mecanismos que unissem os indivíduos e seus grupos sociais, promovendo uma noção de moral que fosse adequada para o desenvolvimento de uma consciência racional e, subsequentemente, para regular o comportamento humano.

Essa moral emergente desempenhou um papel crucial na formação de uma consciência coletiva e na manutenção da coesão social, permitindo que os indivíduos se comportassem de maneira coordenada para alcançar objetivos comuns. O incremento semiótico, nesse contexto, foi fundamental para esse processo, pois a comunicação e a troca de signos possibilitaram o compartilhamento de valores, crenças e expectativas. Isso, por sua vez, permitiu que as pessoas “compartilhassem um futuro comum na medida em que agem coordenadamente para atingir certos propósitos” (Romanini, 2014, p. 53).

De tal modo, a semiótica não apenas facilitou a interação e a cooperação social, mas também desempenhou um papel central na construção e manutenção de sistemas morais que orientam o comportamento humano. Esse processo contínuo de significação e ressignificação possibilitou a criação de um ambiente social onde a moralidade e a racionalidade caminham juntas, proporcionando uma base sólida para a organização e o progresso das sociedades humanas.

A transformação social pelo meio da interiorização de normas e regras como uma força prática em prol da vida permitiu uma convivência sociocultural mais harmoniosa e ordeira. Conforme a humanidade se adapta a novas tradições, como o fenômeno religioso descrito por Durkheim (2003) - entendido como a experiência com o divino vivenciada por diferentes povos em diversas épocas e localidades - também foi objeto de interpretação, representação, desconstrução e reconstrução.

O fenômeno religioso, ao ser integrado como forma de conhecimento dentro de um sistema cultural, atua de maneira dialógica, interagindo e colaborando com outros sistemas culturais. Dessa forma, as religiões não apenas se legitimam como reflexões teológicas, mas também influenciam e são influenciadas por diversos aspectos culturais.

A religião, então, opera como um componente vital na tessitura cultural, contribuindo para a coesão social e fornecendo um *framework* moral e ético que orienta o comportamento humano. Ao mesmo tempo, a sua capacidade de dialogar com outros sistemas culturais e adaptar-se às mudanças garante sua relevância e continuidade na sociedade. Essa interação

dialógica entre religião e cultura não apenas fortalece a legitimidade das tradições religiosas, mas também enriquece a cultura em geral, promovendo um entendimento mais profundo e uma convivência mais integrada entre os diversos elementos que compõem a sociedade.

Religião, moral e cultura são interdependentes e mutuamente influenciadores. A religião fornece uma base espiritual e moral, a moral regula o comportamento humano e a cultura engloba ambos, moldando e sendo moldada por eles. Juntos, esses elementos formam um complexo sistema de significados e práticas que sustentam a vida social e permitem a adaptação e a evolução contínua das sociedades humanas.

O sentimento religioso e a tendência que o ser humano tem em relação às coisas sagradas podem ser uma expressão íntima de Deus que não pode ser atribuída à educação ou às ideias aprendidas. “Se assim fosse, por quê existiria nos vossos selvagens esse sentimento?” (Kardec, 2013, p. 74), podemos compreender que esse sentimento de religiosidade é uma característica intrínseca à natureza humana, o que reflete a ideia do *homo religiosus* proposta por Mircea Eliade (1992). Esse conceito destaca que a religiosidade é uma condição fundamental e universal do ser humano.

A citação do *Livro dos Espíritos* e o conceito de *homo religiosus* de Eliade nos ajudam a compreender que a religiosidade é uma condição fundamental da natureza humana. Este sentimento íntimo de uma presença divina, presente mesmo em sociedades sem influência cultural ou educacional formal, ao molde da cultura ocidental.

Os autores sugerem que a espiritualidade é uma característica inata e universal. Reconhecer essa dimensão espiritual do ser humano é crucial para entender a profundidade e a universalidade da busca do sagrado, que transcende as barreiras culturais e temporais.

Essa visão implica que a espiritualidade não é apenas um aspecto culturalmente condicionado, mas uma necessidade fundamental do ser humano. Independentemente de contexto histórico ou cultural, a busca por significado, propósito e conexão com algo maior é uma expressão profunda da natureza humana. Ao entender a espiritualidade como inata, podemos apreciar como diferentes culturas e épocas desenvolveram suas próprias formas de se relacionar com o sagrado, mas todas compartilham a mesma essência dessa busca universal.

Os sentimentos religiosos e o desenvolvimento do senso moral foram fundamentais para a união e coesão das comunidades humanas, como observado por Allan Kardec e Émile Durkheim. O fenômeno religioso não pode ser separado da evolução humana, pois ele molda

profundamente a maneira de ser, sentir e entender o universo. A religião, ao proporcionar uma base moral e um entendimento compartilhado da realidade, desempenha um papel essencial na formação e sustentação das sociedades, promovendo a harmonia social e a continuidade cultural.

Essas religiões transitórias moldam mitos, símbolos e ritos específicos às suas comunidades culturais, refletindo uma visão particular do “sagrado e do profano” (Eliade, 1992). Essas práticas estão profundamente enraizadas em seus contextos culturais e históricos e não devem ser interpretadas como representações de uma verdade absoluta. Em vez disso, elas devem ser compreendidas como partes de um mosaico mais amplo de experiências e crenças humanas, onde cada uma oferece uma contribuição única à nossa compreensão do sagrado e da vida.

Essa perspectiva nos leva a reconhecer a diversidade e a riqueza das expressões religiosas ao redor do mundo, valorizando cada tradição por seu papel no desenvolvimento espiritual e cultural de suas respectivas comunidades. Em vez de buscar uma única verdade universal, esse enfoque nos permite apreciar a multiplicidade de caminhos que as diferentes culturas criaram para se relacionar com o transcendente e o divino.

De tal modo, na sua provisoriedade, escapa da humanidade o conhecimento do absoluto, pois, “mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às características, conforme os pontos de vista em que se achem, sobretudo se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente” (Kardec, 2013, p. 92), assim, as “verdades da Filosofia não são definitivas. Ela é abertura para o absoluto, sem o concluir” (Salgado, 2015, p. 205).

A citação de Kardec e a reflexão de Salgado destacam que o conhecimento absoluto é uma meta inatingível para a humanidade. O conhecimento e a verdade são, por natureza, provisórios e sujeitos a interpretação e revisão. A Filosofia e outras áreas do pensamento reconhecem essa limitação e promovem uma abertura para a exploração contínua, sem a pretensão de alcançar uma verdade definitiva. Essa abordagem valoriza a diversidade de perspectivas e a busca constante por uma compreensão mais profunda do mundo e da nossa existência.

Segundo Zilles (2010, p. 105), *o absoluto* como fundamento universal da realidade, transcende a capacidade de raciocínio humano e, portanto, “deve existir uma espécie de mundo das ideias eternas que, como princípio absoluto e metafísico, garante a veracidade de

nossos conhecimentos”, no entanto, “somente Deus é proprietário no sentido absoluto” (Bradford, 2011, p. 725) por assim entender, conforme o *Livro dos Espíritos*, Deus é a “*inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*” (Kardec, 2013, p. 53).

A busca pelo absoluto, conforme descrito por Ambrosio (2012), só pode ocorrer na concretude histórica, onde o transcendente se encarna na realidade humana. Essa perspectiva é complementada pela visão de Cavalcante (2001), que afirma que a beatitude deve ser vivida no presente, sem esperar por promessas futuras. O *Livro dos Espíritos* também aborda essa noção, indicando que a compreensão espiritual deve ser parte da vida concreta. Portanto, a espiritualidade deve ser prática, imediata e integrada à vida cotidiana, encontrando o sagrado nas experiências diárias e na realidade concreta dos indivíduos

A espiritualidade, segundo essa perspectiva, deve ser integrada à vida cotidiana e experimentada no aqui e agora. A busca pelo absoluto, portanto, é uma jornada presente e contínua, que se manifesta nas ações, decisões e experiências diárias dos indivíduos. Por certo que na unidade do absoluto, reside uma pluralidade de manifestações e interpretações. Essa compreensão permite que diferentes tradições religiosas e filosóficas coexistam e se enriqueçam mutuamente, reconhecendo que cada uma oferece uma visão parcial do todo.

Conforme Teixeira (2011) a ideia de que a compreensão do Mistério, ou de Deus, não pode ser completamente capturada ou limitada por uma única tradição religiosa. Ele sugere que há uma riqueza e diversidade nas maneiras como diferentes culturas e religiões se aproximam e entendem o divino. Essa perspectiva reconhece que cada tradição religiosa oferece uma visão única, mas que nenhuma delas, isoladamente, é capaz de esgotar a totalidade do Mistério.

A educação evolutiva proposta no *Livro dos Espíritos*, implica uma revisão constante de conceitos e ideias, reconhecendo que a busca pelo absoluto é dinâmica e plural. Isso permite a aceitação de múltiplas perspectivas dentro da unidade do absoluto, promovendo um entendimento mais holístico e inclusivo da espiritualidade.

Admitindo uma reelaboração de conceitos e ideias em uma educação evolutiva, conforme sugerido pelo *Livro dos Espíritos*, permite ao ser humano um entendimento profundo e plural do absoluto. Essa abordagem pedagógica aprimora a fé do indivíduo, capacitando-o a integrar fé e razão como um par dialético inseparável. Essa integração promove um diálogo aberto e não-dogmático, essencial para o crescimento espiritual e a convivência harmoniosa com a diversidade de crenças e perspectivas.

A pedagogia espírita faz uma provocação ao estimular uma reflexão profunda sobre a vida, a espiritualidade e a relação com o Divino, permitindo um crescimento pessoal e espiritual contínuo. Ao implementar esses princípios na educação e na vida comunitária, a pedagogia espírita pode contribuir significativamente para a formação de indivíduos mais conscientes, responsáveis e empáticos, capazes de viver em harmonia e respeito com os demais?

## O MEDIADOR: A BUSCA DA AUTONOMIA DO SER

Como podemos observar, a *pedagogia espírita* (Pires, 1990) fortalece a importância da evolução e da busca de uma verdade que é construída e assumida por meio da racionalidade, apresentando a possibilidade de uma *fé raciocinada* (Kardec, 2013, p. 146). Essa abordagem reconhece que a fé e a razão não são mutuamente exclusivas, mas complementares, permitindo uma compreensão mais profunda e fundamentada da espiritualidade.

Godoy (2007) sugere que a fé pode ser raciocinada, ou seja, uma fé que não se baseia apenas em dogmas e crenças cegas, mas que é sujeita à análise crítica, reflexão e entendimento racional. Isso está alinhado com a proposta do *Livro dos Espíritos*, que incentiva o questionamento e a busca de conhecimento como meio de evolução espiritual.

Bueno (2006) complementa essa ideia ao estimular a humanidade a reconhecer em si mesma e nos outros uma dimensão supra sensível, uma dimensão que está além do mundo físico e sensorial, mas que ainda está vinculada às exigências da razão. Isso implica em uma espiritualidade que é tanto transcendente quanto racionalmente compreensível.

Essa abordagem está alinhada com a ideia de que a fé inabalável é aquela que pode encarar a razão em todas as épocas da Humanidade, uma crença central do *Livro dos Espíritos* reunido por Allan Kardec. O *Livro dos Espíritos* enfatiza que a fé deve ser compatível com a razão e que a busca pelo conhecimento espiritual deve ser mediada pela ciência e pelo entendimento racional do seu tempo.

Para Henri Bergson (1859-1941), no seu livro *O Pensamento e o Movente* criticou o excesso de racionalismo nas explicações espirituais e religiosas. Para ele, a razão, por mais importante que fosse, era incapaz de acessar certas dimensões da experiência humana, como a espiritualidade e a intuição.

Para Bergson que a vida e a experiência espiritual transcendem a razão, e que a tentativa do espiritismo de enquadrar questões de fé dentro de um arcabouço racional limitava a verdadeira profundidade da experiência espiritual.

Do mesmo modo, Gardner (1914-2010) criticava a tentativa do espiritismo de usar a razão e a ciência para validar fenômenos mediúnicos e espirituais. Ele via essas tentativas como formas de pseudociência, pois os fenômenos espirituais não resistiam à investigação rigorosa e objetiva.

Segundo este autor, a ausência de evidências científicas, confundia os domínios da fé e da ciência. Para ele, a ciência se baseia em evidências e experimentação, enquanto a fé é subjetiva e pessoal. O espiritismo, ao tentar justificar crenças espirituais por meio da razão e da ciência, acabava por distorcer o próprio conceito de ciência. Ele posiciona o espiritismo como uma pseudociência que se disfarça de racionalismo, mas que, na verdade, se baseia em crenças sem fundamento empírico.

Destarte, segundo a mensagem sistematizada do *Livro dos Espíritos* enfatiza a importância de uma fé que é aberta à razão e ao progresso do conhecimento humano. Ela convida os indivíduos a uma jornada contínua de aprendizado e reflexão, integrando a espiritualidade com a ciência e a racionalidade, e reconhecendo que o entendimento da verdade é um processo dinâmico e em constante evolução.

Na modernidade, o espiritismo compilado por Allan Kardec (2013) propõe um paradigma de liberdade e responsabilidade, onde o ser humano, ou espírito encarnado, é incentivado a buscar na prática de suas ações diárias a construção de uma vida plena e significativa.

De acordo com Cavalcante (2001), o espiritismo enfatiza que o Reino de Deus não está atrelado a um tempo específico ou a um lugar determinado. Ele não é algo a ser esperado no futuro distante, mas uma experiência que pode ser vivenciada aqui e agora, em qualquer momento e lugar. Essa boa nova transforma a compreensão do espiritual e do divino em algo acessível e imediato, presente nas ações e na vida cotidiana.

Além disso, a mensagem do *Livro dos Espíritos* encoraja uma ética de amor e perdão, rejeitando a vingança e a retaliação. Em vez de se opor aos inimigos com as mesmas armas ou acusar diante dos juízes, a proposta é amar aqueles que acusam e atacam, seguindo o exemplo de compaixão e entendimento. Isso promove uma convivência baseada na empatia, na reconciliação e na busca pelo bem-estar comum.

A abordagem pedagógica do *Livro dos Espíritos* visa capacitar os indivíduos a fomentar um diálogo em que a fé e a razão funcionem como um *par dialético* inseparável, como

menção Signates (2020). Essa inter-relação promove uma fé não dogmática, que admite dúvidas e convive com elas, refletindo uma abordagem aberta e racional da espiritualidade.

Uma abordagem pedagógica, que ajuda a formar indivíduos que não apenas professam uma fé mais profunda e consciente, mas também estão preparados para contribuir para um diálogo espiritual mais amplo e inclusivo. Isso promove uma convivência mais harmoniosa e respeitosa, fundamentada no entendimento mútuo e na busca coletiva pelo conhecimento e pela evolução espiritual.

Esta pedagogia desloca para o indivíduo o encargo de seus equívocos e acertos. Reforça a ideia de liberdade humana aliada à responsabilidade na experiência existencial, executada na *práxis* cotidiana. A partir desse ensino, ela convida os indivíduos a um novo patamar evolutivo. O *Livro dos Espíritos* traz um entendimento que a racionalidade humana se expressa pela linguagem, e como seres racionais, os humanos têm a capacidade de dialogar e argumentar de forma reflexiva consigo mesmos e com os outros.

Ao seguir esses princípios, o *Livro dos Espíritos* oferece uma abordagem que valoriza a liberdade e a responsabilidade individuais, promove a evolução espiritual contínua e incentiva um diálogo aberto e respeitoso entre diferentes tradições religiosas. Isso contribui para a construção de uma convivência mais harmoniosa e cooperativa, onde a diversidade espiritual é reconhecida e celebrada.

Deste modo, o *Livro dos Espíritos* apresenta uma proposta mediadora que não se limita a um modelo ideal de comportamento ou de evolução espiritual. Em vez disso, coloca nas mãos do ser humano a responsabilidade pela sua própria evolução e pelos seus atos. Ele alerta para a necessidade de superar uma condição primitiva e materialista em direção a um estado de ordem e harmonização, tanto individual quanto coletiva, promovendo um progresso que amadurece a experiência do indivíduo com Deus.

Portanto, o *Livro dos Espíritos* oferece uma abordagem equilibrada e racional para a evolução espiritual. Ele combina a busca pelo conhecimento espiritual com a necessidade de discernimento e análise crítica, promovendo um desenvolvimento gradual e consciente. Isso ajuda os indivíduos a progredirem de maneira segura e fundamentada, integrando a razão e a espiritualidade em sua jornada evolutiva.

Em seu contexto, o *Livro dos Espíritos* atua como mediador entre a espiritualidade da alma e a materialidade do corpo, e sua abordagem não é de crítica às religiões. Em vez disso, a epistemologia espírita reconhece o fenômeno religioso como intrínseco ao ser humano. A

partir dessa compreensão, entende-se que a multiplicidade de religiões e grupos religiosos expressa diferentes partes de uma única verdade.

O *Livro dos Espíritos* promove uma visão inclusiva e harmoniosa, onde a diversidade religiosa é valorizada e cada expressão religiosa é vista como parte de uma verdade maior. Essa abordagem não só respeita a multiplicidade de crenças, mas também incentiva o diálogo e a cooperação entre diferentes tradições religiosas, em busca de uma compreensão mais ampla e profunda do espiritual.

Conforme a questão nº 842, do *Livro dos Espíritos*, declara que

todas as Doutrinas tendo a pretensão de ser a única expressão da verdade. Por que sinais se pode reconhecer aquela que tem o direito de se colocar como tal? R. Será aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse é o sinal por que reconheceréis que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa (Kardec, 2013, p. 262).

A resposta do *Livro dos Espíritos* sublinha que a diversidade das religiões se origina da pluralidade de maneiras como as pessoas percebem e entendem o divino. No entanto, todas essas religiões, se fundamentadas em princípios de bondade e moralidade, refletem a essência de Deus. A Verdade se revela pelo impacto positivo que uma doutrina tem sobre seus seguidores e sobre a sociedade como um todo.

Torna evidente que a verdade religiosa se manifesta através da lógica, da promoção do bem comum e dos frutos positivos que produz. O *Livro dos Espíritos* valoriza a diversidade religiosa como diferentes caminhos que conduzem à mesma essência divina, desde que promovam princípios de amor e caridade.

A crítica apresentada nos textos do *Livro dos Espíritos* se concentra em um conhecimento religioso que se desvincula dos princípios dogmáticos, que frequentemente impulsionaram sentimentos de superstição e hierarquização social. Esses dogmas muitas vezes fortaleceram um pensamento de submissão e um *condicionamento cultural*, conforme mencionado por Casás Otero (2003).

A proposta do *Livro dos Espíritos*, conforme delineada oferece uma visão inclusiva e prática da salvação, centrada na caridade, no autoconhecimento e no aperfeiçoamento espiritual. Essa abordagem promove uma visão dinâmica e progressiva da espiritualidade,

onde a evolução contínua e a prática do bem são os pilares fundamentais para alcançar a verdadeira felicidade.

A pedagogia espírita não admite privilégios religiosos ou condicionamentos específicos para a salvação. Isso reflete uma visão inclusiva, onde todos têm a mesma oportunidade de evolução espiritual, independentemente de suas crenças ou afiliações religiosas. Encorajando novas maneiras de viver e experienciar o mundo, que estão mais alinhadas com a verdade espiritual e a evolução moral. Isso inclui uma maior conscientização, reflexão e prática de ações benéficas que contribuem para o bem-estar coletivo.

Ao não admitir privilégios religiosos e condicionamentos para a salvação humana, oferece uma resposta à aparência dogmática e nos convida a retornar à mensagem restauradora do Evangelho para alcançar um maior aperfeiçoamento espiritual. Essa abordagem fortalece a proposta de rompimento com o *domínio do simulacro* (Baudrillard, 1981), dissolvendo a cópia de uma realidade atraente, mas alheia à própria verdade. Isso abre espaço para novos valores e novas formas de experienciar o mundo.

O *Livro dos Espíritos* apresenta a ideia de um Deus universal, acessível a todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas. Esse Deus é inclusivo e acolhedor, não pertencendo exclusivamente a nenhuma tradição religiosa.

Essa visão apresenta uma terceira via possível: um Deus para todos, um Deus sem religião que abraça a todos, como demonstra Tutu (2012, p. 31), um Deus que não seja apenas “cristão, pois seus cuidados são para todos os seus filhos”.

O *Livro dos Espíritos*, por fim, propõe um diálogo amadurecido na experiência individual com Deus, promovendo um processo de valorização do outro, aceitação e compromissos comunitários. Ao incentivar essa conexão profunda com o divino e com o próximo, o compêndio evita uma atrofia organizada da existência pessoal, impedindo a falta de reciprocidade interna. Nesse sentido, como apontado por Denis (2011, p. 104), “a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e liberdade”.

Este pensamento isento proporciona o surgimento de uma fé inabalável, compreendendo-a como “fé que se baseia, na verdade [...], nada tem a temer do progresso das luzes, dado que o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana” (Kardec, 2013, p. 280), e que pode encarar a razão em todas as épocas da humanidade.

Os escritos do *Livro dos Espíritos*, apontam para

um olhar mais heteronômico sobre o modo como a experiência religiosa e as ações ético-morais se expressa e se incrusta na condição humana intersubjectiva permitirá uma reflexão e representação mais edificante para a racionalidade e universalidade da bondade e livre arbítrio (Barroso, 2013, p. 222).

Essa reformulação destaca o *Livro dos Espíritos* como uma ferramenta educacional que promove a diversidade religiosa e combate a heteronomia, incentivando o uso adequado do livre-arbítrio. Deste modo, combate a ação da *heteronomia* (Barroso, 2013) que, presente nessas religiões, impossibilita o ser humano de usar adequadamente o seu *livre-arbítrio* (Kardec, 2013).

Pelo princípio autônomo, conhece-te a ti mesmo, o *Livro dos Espíritos* torna-se um meio revolucionário de despertar, subvertendo esta simulação que envolve o ser humano, aniquilando paradigmas e arquitetando uma verdade apropriada à sua liberdade. Esse processo fertiliza um conhecimento de si em relação ao outro, ou seja, um livre-arbítrio isento de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante.

Essa reformulação enfatiza o papel pedagógico do *Livro dos Espíritos* em ensinar que a liberdade está intrinsecamente ligada à moralidade e que a renovação social surge da maturidade da humanidade, não sendo uma criação exclusiva do espiritismo.

Essa reformulação, conforme apresentado no *Livro dos Espíritos*, oferece uma solução para a crise moral ao desafiar as verdades universais e priorizar a realidade sobre os símbolos e representações abstratas de uma cultura.

A partir do *Livro dos Espíritos* o que se busca é mediar uma conscientização para uma “autonomia moral e de autogoverno” (Figueiredo, 2016, p. 215), levando o ser humano a acreditar em si mesmo e na sua tarefa de aprimoramento.

Como indica Stoll (2003), a *dimensão experimental e científica* do *Livro dos Espíritos* é um conjunto de princípios explicativos das *Leis Morais* (Kardec, 2013) que, apresentados por meio de um sistema científico, revela o mundo sobrenatural e a sua forma de agir no mundo físico, promovendo uma naturalização do sobrenatural (Fernandes, 2008).

Em suma, o esforço kardequiano seria de melhorar a natureza atual das coisas, despertando-a para a sua parte melhor: o Espírito, sede da razão e do poder divino em nós, poder esse que vinha como um convite e um alerta de Deus que estamos com Ele na sua obra de ajudar na evolução (no sentido moral do termo) do mundo e seus viventes. Essa seria a missão do homem enquanto espírito, e a do espiritismo despertar a humanidade para esse sentido de missão (Fernandes, 2008, p. 71).

A abordagem do *Livro dos Espíritos* oferece uma perspectiva que incentiva a valorização da diversidade e a desconstrução de preconceitos. Ao enfatizar a igualdade essencial dos espíritos e o papel do livre-arbítrio no aprimoramento espiritual, a obra convida cada indivíduo a refletir sobre suas atitudes e a buscar uma compreensão mais profunda da verdadeira natureza humana.

Instiga o indivíduo a uma elevação, o ser humano

não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas idéias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações (Kardec, 2013, p. 2).

A passagem sugere que o progresso humano, tanto moral quanto social, é inevitável e guiado por uma finalidade providencial. As revoluções, sejam elas morais ou sociais, são parte essencial desse processo de evolução. Elas ajudam a eliminar o que já não serve e a abrir espaço para novas formas de pensar e viver, mais alinhadas com as necessidades e aspirações da humanidade em constante crescimento

A visão do ser humano como um ser imortal traz implicações significativas para a educação. Ela incentiva uma perspectiva de longo prazo, onde o aprendizado e o desenvolvimento não se limitam a uma única vida, mas se estendem através de múltiplas existências. Isso proporciona uma abordagem mais paciente e compreensiva, reconhecendo que cada indivíduo está em um caminho único de evolução espiritual.

Conforme Panasiewicz (2013) enfatiza a importância das experiências vivenciadas como parte essencial do processo educacional, o “exercício de aprender com a realidade” (Panasiewicz, 2013, p. 590) sugere que a educação espírita valoriza o aprendizado prático e experiencial. Através das experiências diárias e dos desafios enfrentados, os indivíduos têm a oportunidade de desenvolver suas capacidades, corrigir seus erros e crescer espiritualmente.

Quando aplicamos esses princípios a um contexto social mais amplo, temos a construção de uma sociedade pluralista e multicultural. Nesse tipo de sociedade, cada indivíduo é valorizado por sua singularidade e diversidade. O diálogo sem preconceito, como promovido pela filosofia do *Livro dos Espíritos* e pela abordagem de Buber (1979), facilita a coexistência harmoniosa e o respeito mútuo.

A filosofia do diálogo de Martin Buber (1979), especialmente sua concepção da relação *Eu* e *Tu*, complementa bem essa visão. Buber argumenta que as relações verdadeiramente autênticas e transformadoras acontecem quando nos relacionamos com os outros não como objetos (*Eu-Isso*), mas como sujeitos (*Eu-Tu*). Nesse contexto, cada encontro é visto como uma oportunidade para reconhecer e honrar a essência do outro, criando uma conexão profunda e autêntica.

O diálogo, tal como compreendido no *Livro dos Espíritos*, combinado com a filosofia de Martin Buber (1979), promove um autoaperfeiçoamento progressivo e a construção de uma sociedade pluralista e multicultural. Através do diálogo que integra conhecimento científico e educação moral, e que reconhece a dignidade intrínseca de cada indivíduo, torna-se possível superar preconceitos e criar relações autênticas e transformadoras. Essa abordagem é essencial para edificar uma sociedade onde o respeito e a compreensão mútua são pilares fundamentais.

De tal modo a regeneração advogada pelo *Livro dos Espíritos* ocorrerá progressivamente, quando o ser humano,

pelo esforço racional de compreender as leis que regem o mundo moral, visa alterar completamente toda concepção heterônoma de que devemos obedecer à lei de Deus para receber dele a recompensa, dando a cada um a responsabilidade de conduzir sua evolução espontaneamente, compreendendo as circunstâncias de sua vida, sem esperar nada em troca. Dessa forma, a crença racional que o espiritismo dá não é mais a do catolicismo do que a do protestantismo, do judaísmo ou do islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião [...]. Essa base indispensável representa a religião natural, a união de todos os homens com o objetivo de estabelecer a harmonia social (Figueiredo, 2016, p. 495).

O *Livro dos Espíritos* serve como mediador no desenvolvimento da maturidade espiritual, promovendo uma moral autônoma e uma liberdade ética fundamentada na consciência. Alinhando-se com os princípios educacionais de Paulo Freire (2000), essa abordagem respeita a dignidade e a autonomia do educando, promovendo um processo de evolução contínuo e sem rupturas. Isso resulta em uma educação espiritual que é ao mesmo tempo ética e respeitosa, permitindo que cada indivíduo alcance seu pleno potencial de maneira natural e consciente.

A ideia central do *Livro dos Espíritos* é que cada vida terrena é uma oportunidade de aprendizado e progresso. As dificuldades e desafios enfrentados são vistos como lições que ajudam o espírito a evoluir. Ao contrário do conceito de salvação única, o espiritismo sugere

que a evolução é um processo gradual e contínuo, onde cada encarnação contribui para o desenvolvimento do espírito. É dentro deste modelo mediador que a *pedagogia espírita* (Pires, 1990) prega um diálogo que busque a autonomia humana, respeitando a capacidade cognitiva de cada ser humano nesse processo evolutivo.

Como experienciar esta mediação na transição para a autonomia? Esta será a tônica do próximo tópico.

## **NA EXPERIÊNCIA QUOTIDIANA: OS DESAFIOS DA RELIGIÃO ESPÍRITA NOS TEMPOS ATUAIS**

Ao buscar mediar um aperfeiçoamento e a maturidade espiritual no ser em seu cotidiano, o *Livro dos Espíritos*, provoca a construção de novas habilidades e conceitos no indivíduo, que modificam sua percepção de vida, moralidade e liberdade. Portanto, no entendimento do *Livro dos Espíritos*, não há previsão de um devir estático, mas sim, de um construído ativamente no cotidiano.

Como atitude filosófica, visam quebrar a inércia humana erguida por um processo de significação e produção de significados que impele a questionar “aquilo que o homem é, pelo destino que lhe cabe intrínseca e singularmente neste mundo, considerando seu estatuto de liberdade e enfrentamento face aos acontecimentos e ao devir que se lhe descortina” (Röhr, 2012, p. 8).

O *Livro dos Espíritos*, ao enfatizar o exame crítico e a liberdade de pensamento, realmente se distingue por encorajar os indivíduos a se tornarem agentes ativos na sua própria jornada espiritual. Esse estímulo à autonomia intelectual e à responsabilidade pessoal está alinhado com a proposta do *Livro dos Espíritos*, que sempre ressaltou a importância do “não acrediteis em tudo, mas examinai tudo, e só depois de exame aceitai”.

Esse processo de transição é desafiador. Confrontar o desconhecido e lidar com as resistências internas e externas requer coragem e perseverança. É um caminho que pode gerar desconforto, mas é justamente esse desconforto que impulsiona a verdadeira aprendizagem e o crescimento moral. A emancipação intelectual e moral que advém desse processo não só fortalece o indivíduo como também o prepara para uma compreensão mais profunda e autêntica dos princípios espirituais, levando a um progresso contínuo no seu desenvolvimento espiritual.

A busca pela verdade, como um pilar central no *Livro dos Espíritos*, é, portanto, tanto um objetivo quanto um processo, exigindo uma postura ativa, questionadora e, ao mesmo tempo, aberta à transformação pessoal e coletiva. Esta abordagem crítica e reflexiva, alinhada com a pedagogia de Paulo Freire (1987), promove a liberdade de pensamento e a responsabilidade pessoal na busca pelo conhecimento e pela verdade. É um caminho que exige coragem, abertura e um compromisso contínuo com o autodesenvolvimento e a transformação moral.

A chamada de Kant (2007) para que os indivíduos saiam de sua menoridade e façam uso de seu próprio entendimento sem a direção de outros encontra eco no *Livro dos Espíritos*, que também promove a autonomia intelectual e moral. O lema “Sapere aude!” (Kant, 2007, p.100) ressoa como um princípio fundamental, incentivando a coragem de pensar de forma independente e crítica. Tanto no esclarecimento kantiano quanto no estudo espírita, a emancipação intelectual e a responsabilidade pessoal são vistas como caminhos essenciais para o progresso e a libertação humana.

Portanto, o papel da comunidade/religião espírita na transição para a autonomia intelectual e moral de seus assistidos é complexo e multifacetado. Esse papel pode tanto apoiar quanto dificultar esse processo, dependendo de como os princípios do *Livro dos Espíritos* são aplicados na prática. Esse cenário torna-se um dos desafios da religião espírita nos tempos atuais.

Por um lado, o *Livro dos Espíritos*, com seus ensinamentos sobre responsabilidade pessoal, evolução espiritual e a busca pela verdade, tem o potencial de fortalecer os indivíduos, incentivando-os a desenvolver autonomia intelectual e moral. Por outro lado, se os princípios religiosos espíritas forem interpretados de maneira rígida ou dogmática, pode haver uma limitação na capacidade dos membros de pensar criticamente e agir de forma independente.

Esse equilíbrio delicado entre guia espiritual e autonomia pessoal é um dos principais desafios para a comunidade espírita contemporânea. A maneira como esses princípios são vivenciados e aplicados na vida cotidiana dos membros determinará se a religião espírita servirá como um meio de libertação e crescimento ou, inversamente, como uma barreira para o desenvolvimento da autonomia intelectual e moral.

Para que a transição da heteronomia para a autonomia seja bem-sucedida, é essencial que as comunidades/religião espírita criem ambientes onde a liberdade de pensamento seja

genuinamente encorajada. A autonomia é fortalecida quando os membros são incentivados a serem proativos na sua busca pela verdade, e onde o erro ou a dúvida não são vistos como falhas, mas como parte natural do processo de crescimento espiritual.

Comunidades espíritas que promovem o diálogo aberto, o questionamento e o debate saudável entre os membros, sem impor dogmas rígidos, criam um espaço propício para o desenvolvimento da autonomia. Incentivar a leitura crítica das obras codificadas por Allan Kardec e outros, assim como a reflexão sobre as próprias experiências, fortalece a capacidade dos indivíduos de formar suas próprias convicções.

Programas de estudo, nas casas espíritas, devem continuar a estimular a busca de um conhecimento, não apenas no *Livro dos Espíritos*, texto fundamental da doutrina espírita, mas também de outros campos do saber (como a filosofia, a ciência e a ética), capaz de ajudar seus membros a desenvolver uma visão mais ampla e crítica. Isso é fundamental para que a autonomia intelectual se solidifique, permitindo que as pessoas façam escolhas informadas e conscientes.

Líderes e médiuns que modelam comportamentos de autonomia, incentivando seus seguidores a buscar respostas por si mesmos e a desafiar suas próprias crenças quando necessário, desempenham um papel importante. Este enfoque sobre a autonomia dentro da prática espírita é uma contribuição valiosa para o entendimento de como a religiosidade pode ser um fator de empoderamento pessoal e social.

Quando essas figuras não incentivam a dúvida construtiva e a liberdade de pensamento, pode surgir um ambiente de controle e dependência, que é contraproducente para o desenvolvimento da autonomia individual. Ao escolher promover a autonomia, o questionamento e a liberdade de pensamento, eles não só evitam os perigos do controle excessivo, mas também ajudam a construir uma comunidade mais saudável, resiliente e espiritualmente rica. Esse equilíbrio é essencial para que a religiosidade cumpra seu potencial de transformação positiva tanto no nível individual quanto comunitário.

A pressão para conformidade com a norma da comunidade pode ser um obstáculo significativo. Em ambientes onde há forte pressão para que todos pensem de maneira semelhante, os indivíduos podem sentir medo de expressar dúvidas ou opiniões divergentes, temendo julgamento ou ostracismo.

Se a comunidade adotar uma interpretação muito rígida e literal das obras espíritas, isso pode limitar a capacidade dos membros de explorar diferentes perspectivas e

desenvolver uma compreensão mais pessoal e autêntica dos princípios espirituais. Isso pode criar um ambiente onde a repetição de doutrinas substitui o pensamento crítico.

Por outro lado, na frase *fora da caridade não há salvação*, quando bem compreendida e aplicada, pode sim auxiliar na autonomia intelectual, política e moral dos indivíduos. Isso se dá por meio de uma abordagem que vai além da simples caridade material, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano.

A caridade, segundo o espiritismo, é entendida como o amor ao próximo em ação, sendo considerada a maior das virtudes. Esse entendimento se afasta do simples assistencialismo, que muitas vezes se foca apenas na doação de bens materiais, e se aprofunda na intenção de transformar e elevar a alma do assistido. A prática da caridade espírita visa não apenas aliviar o sofrimento imediato, mas também capacitar o indivíduo a se tornar autossuficiente, promovendo sua autonomia e crescimento espiritual.

No sentido amplo, a caridade no espiritismo é uma prática que abrange todos os aspectos da vida. Ela não se limita à doação material, mas inclui o apoio emocional, espiritual, e moral, tanto dentro quanto fora de suas reuniões. O conceito de assistido, entendido no *Livro dos Espíritos*, é amplamente inclusivo e abrange não apenas referente aos participantes que comparecem às reuniões, mas também os próprios médiuns, obreiros, dirigentes, espíritos desencarnados, desabrigados e, de maneira geral, todos os seres humanos.

Essa visão reflete o entendimento espírita de que todos estão em constante processo de evolução e, portanto, podem ser beneficiados pela caridade, pelo suporte moral e espiritual oferecido dentro desse contexto. A assistência, assim, se torna uma prática universal, voltada para o auxílio e o crescimento de todos os envolvidos, independentemente de sua condição ou estágio de desenvolvimento.

Essa visão ampla da caridade reforça a ideia de que a prática espírita não se resume a encontros e rituais, mas é vivida no dia a dia, em cada gesto de bondade, apoio e compreensão, o que torna importante destacar que, para que a assistência social espírita realmente promova a autonomia, é necessário que seja implementada de forma a evitar a criação de dependência. Em algumas situações, se a ajuda é prestada sem a preocupação com a educação e o empoderamento do assistido, pode-se acabar reforçando um ciclo de dependência. Portanto, o desafio está em equilibrar o auxílio material com o incentivo ao desenvolvimento pessoal e social.

Do mesmo modo, por meio desta educação pedagógica, as pessoas são capacitadas a compreender melhor sua situação, a buscar soluções por si mesmas e a desenvolver suas habilidades e potencialidades. Esse processo de aprendizagem contínua contribui para a autonomia intelectual, moral, social e política, pois empodera os indivíduos a tomarem decisões informadas e a participarem ativamente na sociedade. Essa conscientização ajuda os indivíduos a se libertarem de comportamentos e atitudes que os mantêm presos a padrões de dependência ou submissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Livro dos Espíritos* oferece compreensões a questões profundas sobre a existência, a natureza da alma, a vida após a morte e a lei de causa e efeito (ação e reação). Esse conhecimento promove uma visão mais ampla da vida e do destino humano, incentivando o indivíduo a assumir responsabilidade sobre suas próprias escolhas e ações. Ao entender que suas decisões afetam não apenas esta vida, mas também futuras encarnações, o indivíduo é encorajado a agir com mais consciência e ética.

A obra enfatiza a importância do autoconhecimento e do autoaperfeiçoamento como caminhos para a evolução espiritual. O *Livro dos Espíritos* sugere que a verdadeira autonomia se dá quando o ser humano passa a guiar suas ações não por imposições externas, mas por uma compreensão profunda das leis divinas e morais que regem o universo. Essa compreensão é fruto do estudo, da reflexão e da prática cotidiana destes conhecimentos.

O compêndio também coloca o ser humano em contato com a espiritualidade de maneira direta, através da mediunidade e do intercâmbio com os espíritos. Esse diálogo com entidades espirituais reforça a ideia de que cada pessoa é responsável por sua evolução, mas conta com a orientação e o apoio dos espíritos superiores. Essa interação mediadora contribui para que o indivíduo se perceba como parte de um todo maior, mas, ao mesmo tempo, como agente ativo de sua própria trajetória.

O *Livro dos Espíritos* desempenha, portanto, um papel fundamental na formação da autonomia do ser humano, promovendo a ideia de que a liberdade verdadeira está em compreender e seguir as leis morais do universo, e que cada indivíduo é o autor de sua própria jornada evolutiva. Ele instiga a reflexão, a busca pelo conhecimento e a prática do bem, elementos essenciais para a construção de uma autonomia sólida e consciente.

A partir dessa cultura de autonomia, tanto o indivíduo quanto a comunidade se fortalecem. Os indivíduos se tornam mais autossuficientes e capazes de tomar decisões informadas sobre suas vidas espirituais e cotidianas. A comunidade, por sua vez, se beneficia de uma base de membros mais conscientes, críticos e engajados, o que pode levar a uma evolução coletiva mais harmônica e equilibrada.

Essa concepção amplia o entendimento de apoio a terceiros, integrando dimensões como o acolhimento, a educação moral, e o incentivo ao autoconhecimento. Assim, o binômio caridade e assistencialismo na religiosidade espírita é visto como uma prática que, além de atender às necessidades materiais, busca promover a evolução espiritual e moral dos assistidos, encorajando-os a se tornarem protagonistas de suas próprias vidas.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSIO, Juan. *Religião e Cultura: procurar o Absoluto na contingência do provisório*. Disponível em: [https://www.snpcultura.org/religiao\\_e\\_cultura\\_procurar\\_o\\_absoluto\\_na\\_contingencia\\_do\\_provisorio.html](https://www.snpcultura.org/religiao_e_cultura_procurar_o_absoluto_na_contingencia_do_provisorio.html). Acesso em: 20 maio. 14.
- BARROSO, Paulo. *Religião, heteronomia e ética da intersubjectividade*. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/6355/1/Paulo%20Barroso%20-%20Religi%C3%A3o%20heteronomia%20e%20%C3%A9tica%20da%20intersubjectividade.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Galiléia, 1981.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o Movente*. Ensaios e conferências. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORTOLINI, Tiago; YAMAMOTO, Maria Emília. Surgimento e manutenção do comportamento religioso: contribuições da teoria evolucionista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 223-229, 2013.
- BRADFORD, Charles E. Mordomia. In: DEDEREN, Raoul (ed.). *Tratado de teologia adventista do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 721-747.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez&Moraes, 1979.
- BUENO, Vera Cristina de Andrade. *Kant e o Conceito de Fé racional*. Disponível em: [http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf\\_articles/OQNFP\\_19\\_04\\_vera\\_cristina\\_de\\_andrade\\_bueno.pdf](http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_19_04_vera_cristina_de_andrade_bueno.pdf). Acesso em: 02 jan. 2021.
- CAVALCANTE, José Maurício Maciel. *O anticristo de Nietzsche: uma leitura*. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/46946>>. Acessado em: 09 jun. 2023.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. 133 p. ISBN 978-85-99662-27-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CASÁS OTERO, Jesús. *Estética y Culto Iconográfico*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003.

DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Tradução de Homero Dias de Carvalho. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulos, 2003.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. *As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)*. Brasília, 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.

FERREIRA, Rita de Cássia Fossaluzza. *Máscaras como símbolos de comunicação e expressão: uma análise do que mostram e dizem os alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Sistemas de Informação*. São Paulo, 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. *Revolução espírita*. São Paulo: Maat, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GALEFFI, Dante Augusto. Religião e Ciência: diferença e repetição - uma investigação a partir da concepção moral e religiosa de Henri Bergson. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 26, n. 69, p. 449-467, 2013.

GARDNER, Martin. *Fads and Fallacies in the Name of Science*, New York: Courier Corporation, 1957.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODOY, Marino Luís Michilin. *O espiritismo em Ponta Grossa – PR: perspectivas de um espaço do além e para um além do espaço*. Curitiba, 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

HARARI, Yuval Noah. *Uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2007.

KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. *Ver. Pristis. Prax. Pastor*, Curitiba, v. 5, n.2, p. 587-611, jul/dez 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PIRES, Herculano J. *Pedagogia espírita*. Juiz de Fora: J. Herculano Pires, 1990.

RÖHR, Ferdinando. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

ROMANINI, Anderson Vinícius. *Semiose e Vida*. Unisinos, São Leopoldo, Ed. 457 n. 457, p. 52-54, 2014.

SALGADO, Joaquim Carlos. A Filosofia de Boson: elementos e reflexões. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, nº 111, p. 197-227, jul./dez. 2015.

SANTAELLA, Lucia. A concepção ampliada da mente segundo C. S. Peirce. *Cognitio*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 392-403, 2019.

SIGNATES, Luiz. *A filosofia espírita da fé raciocinada*, 2020. Disponível em: <http://www.yumpu.com/pt/document/view/13247244/a-filosofia-espírita-da-fe-racoinada>. Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, José Fernandes da. O Interpretante: como aquilo que possibilita e, ao mesmo tempo, condiciona o processo interpretativo. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, n.1, p. 1-10, Agos. 2007. Disponível em: <http://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/552/472>. Acesso em: 23 fev. 2010.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Orion, 2003.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião*. Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.

TUTU, Desmond. *Deus não é cristão e outras provocações*. Tradução de Lilian Jenkin. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 2010.

## ABSTRACT:

This work is the result of research whose objective was to analyze the perception of spiritist religiosity using *The Spirits Book*, systematized by Allan Kardec, as the central axis of the debate. The research, which follows a bibliographic methodology, collects and analyzes materials already published on this topic. From these publications it has been possible to verify a line of thought that this compendium brings a mediating and formative identity in the autonomy of human beings, through spiritual knowledge and moral practice. The results of the analysis show that *The Spirits Book* has an instructive potential to act as a tool in the search for solutions and the development of skills that make individuals more self-sufficient.

**Keywords:** Representation; Mediation; Autonomy; Challenges.

Recebido em 18/08/2024

Aprovado para publicação em 24/09/2024